



**Veredas Temática:**

**Autoetnografia em Estudos da Linguagem e áreas interdisciplinares**

**Volume 22 nº 1 - 2018**

---

**O adeus de Augusto: as interações entre crianças autistas e a emergência de uma pesquisadora-artista em estado de presença próxima**

Fernanda Miranda da Cruz (UNIFESP)

**RESUMO:** Neste artigo, pretendo trazer os movimentos investigativos, práticos e subjetivos constitutivos de um trabalho autoetnográfico (DENSHERE, 2011; ELLIS E BOCHNER, 2003) de uma dançarina-linguista-falante verbal que se propõe a documentar presenças em situações interativas cotidianas variadas. Nele, darei ênfase ao trabalho de investigação no universo do autismo a partir da observação, imersão e registro junto a uma instituição de convivência de crianças autistas. A proposição de documentar presenças, inspirada no trabalho de Fernand Deligny (1913-1996), emerge do próprio trabalho de campo e mobiliza questões que considero importantes para minha prática investigativa que se inscreve, de forma geral, nas tentativas de compreender o corpo, a linguagem e o mundo material nas interações humanas (STREECK, GOODWIN, LEBARON, 2011; MONDADA, 2016).

Palavras-chave: autismo; autoetnografia; corpo; interação social; multimodalidade.

### **Híbrido**

Março de 2017. Os equipamentos estavam prontos. Duas câmeras filmadoras, dois tripés, extensões e cabos, um caderno de desenho com folhas de papel vegetal, um lápis de grafite. O destino: Pandorga, uma instituição de convivência de crianças autistas, situada em

uma cidade do Estado do Rio Grande do Sul, São Leopoldo<sup>1</sup>. O substantivo pandorga é uma variante para pipa, papagaio. Eu não sabia. No caminho para Pandorga, carregar os equipamentos me informava que eu iniciaria mais uma imersão em campo. Havia naquele percurso uma sensação forte de primeira vez. A câmera e seus acessórios eram um terreno seguro. Registrar situações naturalísticas em contextos de interação cotidiana, em ambiente institucional ou não, envolvendo sujeitos que teriam alguma desorganização da linguagem, como sujeitos com afasia, com demência de Alzheimer, com autismo, descreve, sucinta, mas corretamente, uma dimensão de minha prática investigativa da linguagem.

Aquele novo trabalho de campo tinha como desenho realizar registros em vídeo de situações interativas envolvendo as crianças autistas e os adultos não-autistas daquela instituição. O material em vídeo produzido nos registros em seguida é tratado e submetido a uma transcrição refinada de aspectos verbais e não-verbais (gestos, mundo material e corpo) e, finalmente, inicia-se o exercício de uma análise multimodal. Alguns resultados dessas análises têm permitido dar inteligibilidade ou visibilidade à forma como as interações se constroem, se esboçam, acontecem, se desmancham, se ensaiam ou não acontecem (CRUZ, 2017a).

Mas iniciar o trabalho de investigação na Pandorga carregava uma estranha e quase desconfortável composição híbrida: uma parte dele (e de mim) evocava autores que se filiam à chamada *embodied turn* dos estudos da linguagem (NEVILLE, 2015; MONDADA, 2016). Outra parte dele (e de mim) estava absorvida em materiais, processos, experimentações artísticas em dança contemporânea produzidos no NUCCA- Núcleo de Cultura Corpo e Arte, iniciado em 2010, na Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos-SP. E outra parte ainda estava inspirada por um contato e pesquisa intensos com toda uma documentação de uma experiência singular de convívio com crianças autistas deixada em forma de desenhos, vídeos, transcrições, escritos e experimentações do pensador, educador e artista Fernand Deligny (1913-1996).

O entendimento do autismo e das interações entre pessoas autistas e não-autistas tem recebido a atenção cada mais crescente dos estudos linguístico-interacionais, principalmente daqueles filiados ao campo das análises linguístico-antropológicas (OCHS; SOLOMON, 2010; STERPONI *et al.*, 2015, por exemplo) e dos estudos interacionais de perspectiva multimodal (STREECK *et al.*, 2011; MONDADA, 2016) aplicado a interações envolvendo autistas (AUBURN; POLLOCK, 2013; KORAKIANGAS; RAE, 2014;). Uma perspectiva que se volta para a organização da interação com o outro e que se interessa pelo que emerge ali, de forma situada e circunstanciada, no contato com o outro e em relações de co-presença, me soa familiar à prática investigativa da dança contemporânea: é meu corpo no contato com o próprio corpo e com o corpo do outro que faz emergir o movimento, a dança, a criação e as possibilidades. As tentativas de investigação da linguagem, às quais me lançava através da investigação da interação, e as tentativas de investigação do corpo, às quais me lançava através de processos e experimentos artísticos, se encontravam muito provavelmente em uma dimensão da qual que eu mesma não saberia sistematizar em termos de fundamentos teóricos. Mas sentia, com frequência, que o trabalho em dança e a investigação em dança

---

<sup>1</sup>As pesquisas realizadas junto à Pandorga inscrevem-se no projeto *Embodied Interaction: interação corporificada*, submetido ao Comitê de Ética em Pesquisas da Universidade Federal de São Paulo e aprovado, processo 1172/2016. A publicização do nome da instituição em materiais de pesquisa, tais como artigos, vídeos, falas em conferências e eventos acadêmicos foi autorizada pela mesma. Neste artigo, optamos por trazer o nome da Pandorga, mas manter em anonimato o nome das crianças e dos adultos que lá frequentam. Para respeitar o anonimato, adotamos pseudônimos.

contemporânea fundamentavam, subjetiva e metodologicamente, minha investigação linguístico-interacional. No entanto, foi o trabalho junto à Pandorga que me permitiu esboçar uma certa sistematização de tal sensação e produzir a partir daí versões, no sentido atribuído por Despret (2001), a partir de uma imersão em campo que denuncia o quão linguístico, pautados por linguagem, são nossos projetos, expectativas e posturas frente ao outro. E nesse projeto linguístico, o corpo se impõe com uma materialidade forte, mas que para encontrar seu terreno é preciso entrar em um estado de desconfiança da própria linguagem.

Neste artigo, o que pretendo fazer é trazer, em forma de um relato, os movimentos investigativos, práticos e subjetivos constitutivos de um trabalho autoetnográfico de uma dançarina-linguista-falante verbal que se propõe a documentar presenças a partir da observação, imersão e registro junto a crianças autistas. A proposição de documentar presenças emerge do próprio trabalho de campo e mobiliza questões que tenho considerado importantes para minha prática investigativa que se inscreve, de forma geral, nas tentativas de compreender o corpo, a linguagem e o mundo material nas interações humanas e nas estruturas criativas e flexíveis que organizam nossas possibilidades de existência no mundo.

## **1. Nos ares de uma virada corporificada na Linguística**

Os estudos sobre a construção e organização da interação social produzidos a partir de uma perspectiva multimodal e corporificada podem ser abrigados dentro de um movimento identificado como uma virada corporificada (*embodied turn*, NEVILLE, 2015; MONDADA, 2016) que reúne as várias tentativas teórico-epistemológicas de integração dos estudos já existentes sobre linguagem e de novos estudos sobre corpo, gestos e mundo material. Essas tentativas têm permitido o surgimento e a consolidação de diversas e diferentes abordagens sobre a multimodalidade da ação, da cognição e da interação (MONDADA, 2016). Nos estudos sobre a multimodalidade da interação produzidos a partir de uma perspectiva corporificada, fundamentalmente, considera-se que construímos os espaços interacionais multimodalmente, ou seja, que uma ação (verbal ou não) é construída graças a uma ecologia de sistemas semióticos, estruturalmente distintos entre si, mas intrinsecamente relacionados (GOODWIN, 2010). Uma perspectiva multimodal parece oferecer assim a possibilidade de fazermos uma descrição desses vários tipos de recursos multimodais mobilizados na interação dentro de um enquadre analítico (o socionteracional) que reconhece a diversidade e a especificidade sistêmica desses recursos semióticos usados pelos participantes na interação, ao mesmo tempo em que se preocupa em compreender e descrever como tais recursos interagem uns com os outros para construirmos localmente (de forma situada e circunstanciada) nossas ações, dentre elas, a fala-em-interação.

Esses recursos seriam de naturezas semióticas distintas: linguísticos (aspectos gramaticais, prosódicos, sintáticos, entonacionais e lexicais, por exemplo); corporais (posturas corporais, gestos, direcionamentos do olhar, mímica facial, movimentos da testa, postura do corpo, etc) e materiais (relações múltiplas que temos de manuseio, referência, percepção de objetos, sensorialidade com elementos do espaço físico, etc). A partir dessa perspectiva, a análise e a descrição das práticas interativas guia-se, antes de tudo, por uma concepção radicalmente anti-logocêntrica da interação e por uma concepção de integração e de coordenação fina de práticas encarnadas e situadas, atribuindo à própria natureza constitutiva de nossas ações uma dimensão multimodal primordial (MONDADA, 2014, 2016).

Essa breve introdução já poderia nos lançar questões importantes ao nos alinharmos a uma perspectiva corporificada da interação social que não se guia, em sua investigação, por uma primazia dos recursos verbais frente aos recursos gestuais e materiais (STREECK *et al.*,

2011; MONDADA, 2016). Somado a isso, aquele hibridismo que mencionei acima e que antecedia minha inserção naquela instituição, em particular, e naquele momento, em especial, parecia antever que uma virada corporificada, em termos epistemológicos, autorizaria meu encontro com uma forma de produção e investigação em dança que ficou reservada à dança e às interlocuções artísticas e que não se atreveu a entrar, nem atrapalhar, o que eu mesma construía como uma ideia do que poderia ser um campo de estudos da linguagem.

Aquela composição híbrida e tripartida começou a criar tensões, algumas produtivas, outras nem tanto, que influenciariam o que a princípio eu poderia ou queria chamar de investigações e evidências em torno do autismo que destacassem o papel central que o corpo e as percepções do mundo material, de objetos e de espaços têm a nos dizer sobre os modos de nos relacionarmos e interagirmos. Em outros tempos, não hesitaria em redigir “interagirmos pela linguagem”.

## **2. O caminho e a perspectiva**

Quanto mais eu me aproximava do portão de entrada da Pandorga, mais meus pensamentos eram tomados pela formulação: “como?”. “Como” não era uma questão metodológica. Eu também não carecia de uma resposta metodológica. Carecia de uma reflexão sobre o meu próprio fazer investigativo, uma reflexão que me permitisse explorar meu próprio corpo no fazer investigativo. A pesquisadora-linguista-dançarina-falante verbal não poderia mais seguir seu trabalho sem que essa dimensão, a corporal, tomasse o primeiro plano. Se no trabalho de criação e investigação artística isso me parecia o ponto de partida, no trabalho de análise linguística, isso era um desafio.

(...)

No caminho, eu aproveitava a sensação corporal de andar em uma rua com espaço, sem grandes aglomerações de pessoas. Residente na capital paulista, em fluxo constante e sendo atravessada sempre por milhões de pessoas e informações, estive fora de São Paulo durante o período em que conduzi a pesquisa na Pandorga. Morei por seis meses na cidade de São Leopoldo. O afastamento institucional de uma rotina universitária também me permitia uma imersão em outro tempo. Tudo aquilo era uma experiência sensivelmente corporal. Gostava da sensação de andar por ruas arborizadas, de ver uma pessoa ali e ..., só algum tempo depois, outra lá. Gostava de ter tempo para olhar as casas, as pessoas sem correr e a constatação óbvia, mas ainda assim inquietante, de que a temporalidade das grandes cidades é algo que define nossa subjetividade em um grau absurdo. O portão da instituição ia se aproximando. Eu já estava com a calma das ruas que serviram de passagem. Se estivesse fazendo uma pesquisa sobre as formas de interagir entre sujeitos autistas e não-autistas em São Paulo, com que corpo eu teria chegado ao primeiro dia ao terreno? Que interferências do caminho até lá eu levaria em consideração? Cheguei. Como entrar ali? A pesquisadora é esperada. Mas ela é tão cheia de intuições, percepções, sensorialidades da dançarina que hesita. A dançarina tem mais jeito com chegadas em terrenos móveis. Acho que esta chegou primeiro. O coração batia forte. Eu estaria entre autistas.

(...)

Um dia, em uma conversa com a coordenadora da Pandorga, surge a pergunta, por que o autismo? É uma pergunta com muitas respostas. Acho que o autismo me encontrou e eu me encontro agora próxima a crianças autistas.

### 3. Nos rastros de Deligny: os gestos mínimos

*Eu me encontro com os autistas que esquivam.  
(F. Deligny, Esquiver)*

O contato com o material e as reflexões de Deligny foram decisivos para uma prática micro investigativa que se precipitava. Em forma de vídeos, reflexões escritas, mapas, transcrições com trajetórias de crianças autistas e adultos não-autistas no espaço, Deligny deixa uma rica documentação fruto de uma experiência radical vivida em conjunto com outros colaboradores de sua rede: a construção de comunidades de convivência próxima com crianças autistas com profundo comprometimento de suas habilidades sociais e linguísticas. Ao longo de décadas de convívio, Deligny e seus colaboradores praticamente aboliram a linguagem verbal de suas interações. Abolir a linguagem verbal em suas trocas e convívio não era um método, não se convertia em nenhuma finalidade terapêutica, não testava nenhuma hipótese. Abolir a linguagem verbal parece ter vindo da experiência profunda de “estar em estado presença” com crianças autistas e de um profundo desconfiar da linguagem e do mundo da linguagem. Experiência que os levaram a se apoiar no corpo e a experimentar um estado de “para nada” altamente desestruturante para “nós”, seres linguísticos e de sentido, como operá propositalmente Deligny.

Como forma de aprender a ver os autistas, os adultos daquela rede talvez tenham percebido que para estar em estado de presença com autistas era preciso fazer um deslocamento profundo do lugar de seres falantes. Emerge, desse deslocamento profundo e daquela experiência sensível, o método do traçar. Em 1969, mapas com o deslocamentos espaciais das crianças autistas começam a ser traçados nas comunidades de convívio.

Jacques Lin [uma das presenças próximas] tem vinte anos; ele acampa na ilha de baixo com três ou quatro crianças autistas; um dia, tomado de angústia e de impotência diante da violência de seus comportamentos, ele consulta Deligny; este, ao invés de lhe incitar a falar, sugere que transcreva os deslocamentos dos autistas. [...] a mão atenta àquilo que nos escapa aos olhos (TOLEDO, 2007, p. 708, Tradução nossa)<sup>2</sup>.

Emerge a partir daí uma abordagem não pela palavra, ausente naquelas crianças autistas, mas através de movimentos/deslocamentos/gestos. “Traçar antes da letra”, encontramos em uma das notas de Deligny. Ver com o corpo. Primordial, o traçar permite ver o que não se pode ver à primeira vista. Seguir com traços os rastros, descobrir onde (e não qual) seria o mundo deles. Deixar-se seguir na errância. Sobrepor o traçar à linguagem (à vontade de sentido, à explicação, à descrição, à finalidade). O traçar parecia oferecer àquele que traça não apenas a possibilidade de melhor ver aquelas crianças autistas que viviam naquelas comunidades, mas antes disso, parece proteger o sujeito que traça de suas intenções, projetos semânticos, lógicos, significativos. Aqui há algo de muita potência.

---

<sup>2</sup>Texto original: “Jacques Lin a vingt ans; il campe dans l’île d’en bas avec trois ou quatre enfant autistes; un jour, pris de angoisse et d’impuissance devant la violence de leurs comportements, il consulte Deligny, au lieu de le l’inciter à parler, celui-ci lui suggère de transcrire les déplacements des autistes. [...] la main attentive à ce qui échappe au regard”.

O filósofo Peter Pal Pélbart em seu texto intitulado *Linhas Erráticas*, assim se refere ao trabalho de investigação Deligny.

Fernand Deligny extraiu de sua convivência de décadas com os autistas uma reflexão aguda sobre o modo de existência anônimo, a-subjetivo, não assujeitado e refratário a toda domesticação simbólica. Buscava uma língua sem sujeito, ou uma existência sem linguagem, apoiada no corpo, no gesto, no rastro. Levou ao extremo uma meditação sobre um mundo prévio à linguagem ou ao sujeito, não no sentido de uma anterioridade cronológica, mas de uma existência regida por outra coisa que não aquilo que a linguagem supõe, carrega e implica: a vontade e o objetivo, o rendimento e o sentido. (PELBART, 2013, p. 261)

Eu estava envolvida com a possibilidade de traçar os movimentos, deslocamentos e ações de crianças autistas sem deixar que minhas intenções e vontades explicativas conduzissem o rumo desse traçar. Traçar convoca o corpo de quem traça, sua mão, seu olhar. Impele a mente para dentro do corpo. Traçar é também, na dança, um exercício de investigação do movimento pelo corpo em que é a própria investigação que cria o movimento, sem projeto *a priori*. O processo de criação em dança não toma atalhos. É com o corpo que se investiga o corpo. Traçar é ainda transcrever e transcrever exaustivamente cada momento, cada lance, cada passo, cada gesto, cada fone, cada respiração, cada pausa, sem imputar nenhuma intenção *a priori*, mas deixar emergir, no ato mesmo de transcrever, a ação, a sequência, o movimento. O transcritor transcreve com seu corpo, com a velocidade da mão, com a percepção auditiva e visual, com a capacidade de se abstrair de um todo explicativo e entrar ali, na fresta mínima de 0.3 segundos, em um movimento analítico que não pega atalhos e ao qual não se chegará a não ser pelo próprio trabalho de transcrever e transcrever.

Traçar fundamentou então as bases metodológicas de um projeto iniciado em 2014 e chamado Gestos Mínimos. O nome carrega a tal inspiração híbrida: do contato do trabalho artístico-filosófico de Deligny; das minhas experimentações e criações em dança contemporânea realizadas junto ao NUCCA; da minha prática investigativa das interações humanas inspirada pelos estudos interacionais etnometodológicos que sublinham o gosto pelo detalhe das interações e das transcrições.

Aceita-se quase que facilmente que a arte leve à descoberta de um novo corpo, como afirma o pensador e autor do livro *A gênese de um corpo desconhecido*, Kuniicho Uno. Mas e a ciência? Não? Para voltar a Deligny, que não dançava, sua reflexão vinha de sua proximidade com o que considerava campos moventes e frágeis e sua escrita exaustiva e em permanência levava-o a uma prática de experimentação e investigação atórica em um sentido mais profundo, como descreve Toledo (2007):

se ele escreve em permanência, com a inquietação de ser publicado, é também para se deslocar, para escapar à instrumentalização, lembrar que a pesquisa encontra o pesquisador além (ou aquém) da imagem na qual nós o fixamos, **sobre o terreno movente e frágil da experimentação**. (TOLEDO, 2007, p. 21). Grifos e tradução nossos.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Texto original: “s’il écrit en permanence, avec le souci d’être publié, c’est aussi pour se déplacer, pour échapper à l’instrumentalisation, rappeler que la recherche trouve le chercheur au-delà (ou en deçà) de l’image dans laquelle on le fixe, sur le terrain mouvant et fragile de l’expérimentation”.

O trabalho autoetnográfico, reflexivo em vários sentidos do termo, permite dar forma a esse encontro que a pesquisa promove com o pesquisador. Somos mais comumente convidados a pensar no sentido inverso: no encontro que o pesquisador promove com a pesquisa. Assim, talvez seja sempre, em alguma camada, sobre o próprio fazer investigativo que um texto autoetnográfico versa. Um fazer investigativo incorporado, encarnado, em que o pesquisador possa estar em estado de *presença próxima* e de esquivia e que *aí*, nesse estado, a pesquisa lhe encontre.

Se o trabalho autoetnográfico pode ser concebido como um trabalho de montagem (DENSHIRE, 2011), eu gostaria que essa técnica passasse a ser a base da estrutura de composição coreográfica das peças apresentadas, que tomaram a forma que tomaram a partir de uma experimentação sensível com a linguagem (da qual acho que ninguém escapa), com a dança e com a investigação linguística. As peças são textos, vídeos, fotografias, excertos transcritos construídos durante os processos de investigação e trazidos aqui através de uma montagem para texto-escrito-formato-artigo. Talvez este texto, em sua forma previamente estabelecida pela fonte, espaçamentos e margens, não chegue a ser um objeto visual que possa deixar ver ou perceber todos os movimentos que o constituíram. Mas digo que este texto gostaria de pertencer a uma prática de escrita permanente que me desfilie, sem negar sua importância, dos campos disciplinares e que me aproxime da arte como modo de pesquisa, com sugeri (ELLIS; BOCHNER, 2003), sem ter de me afastar contudo da investigação da linguagem.

#### **4. Conexões e relações de sentido: desvencilhar-se da linguagem**

Uma sala me foi gentilmente reservada para guardar minhas coisas, equipamentos, materiais e para trabalhar. A sala tinha um formato de chalé, com telhado de madeira pintado de branco e todo o resto, chão e mobília, tinham tons claros. Eu gostava daquela sala. Ela me fazia querer dançar. Fui revisar na memória uma sensação menos confortável quando fazia registros de interações entre médicos e pacientes com Alzheimer em um hospital universitário, entre 2006 e 2007, quando fazia o doutorado. Nem me dava conta, na época, que me era desconfortável, mas certamente deve ter havido algo desse desconforto nos escritos que produzi. O corpo da pesquisadora manifesta-se. Ali, em uma tarde quente, com um sol que entrava pela janela de vidro da sala, por um lapso de tempo, me atravessa o espírito que o que guiará minha observação é um estado, como em uma residência artística, e o que o encontro, previsto para ser um encontro com crianças autistas e adultos não-autistas, passaria também a ser, se eu pudesse deixar, um encontro meu com um estado de presença próxima a eles. Presença próxima era um termo cunhado por Deligny (ele novamente) para se referir às pessoas que conviviam cotidianamente com as crianças autistas. Estar ali com elas me denunciava um projeto linguístico para o outro do qual eu deveria tentar me desvencilhar. O embate instaura-se. Eu ser falante verbal procuraria nexos, conexões, relações semânticas, ordenamentos sintáticos, respostas interacionais, sinais de interação, cumprimentos, despedidas, trocas de olhares. Estar em situação de presença não era fácil. Era intrigante, e continuará sendo, que algumas crianças autistas passem para lá e para cá sem olharem para os outros. Por que o olhar é tão importante como sinal de presença e percepção do outro? No fundo, eu não queria a resposta, eu queria a pergunta. De que jeito eu posso olhar para eles? Como aprender a olhar? Deligny inverte uma pergunta clássica que se faz com relação aos autistas: não se pergunta o que falta neles para que não interajam conosco. Deligny se (nos) pergunta: o que falta em nós para que sejamos invisíveis aos olhos deles? Que chance a minha em ter lido essa passagem e poder ser perguntada assim! O que falta em mim excede. É a

linguagem verbal, a capacidade comunicativa, a vontade explicativa, a exaustão descritiva. A minha linguagem verbal me oferece um grande obstáculo.

(...)

Fico ali, naquele espaço duas ou três vezes por semana. Olho, observo, mas tento deixar que uma certa desconexão me tome. Não faço notas escritas. Fico ali. Minha rotina é mais ou menos assim: chego às 13h ou 14h; instalo câmeras e dou play. Troco umas palavras aqui e ali com pessoas da equipe, de forma sempre mais baixa e quase tímida. Fico. Por volta das 17h, arrumo as coisas e me despeço. Enquanto fico, há todo um conjunto de movimentos no espaço. Alguns capto, outros não. Eu mesma me movimento. Vou aqui e ali. Verifico as câmeras. Mudo-as de posição, quando necessário. A afirmação de que cada autista é um autista nunca foi tão válida. 12 sujeitos autistas. 12 sujeitos. 12 autistas. Alguns vêm em minha direção, mexem na câmera, me oferecem algum objeto. Alguns olham. Outros não olham. Me dou conta de que eu os olho a partir de meus projetos comunicacionais e que desejo, em alguma parte, que interajam comigo. A linguagem me vence novamente e lá estou eu com meu projeto linguístico para eles. Godard nos oferece sua última experimentação cinematográfica com um turbulento 3D de imagens borradas e diálogos fragmentados. No filme, *Adieu au langage*, uma frase: “se o face-a-face inventa a linguagem...”. “Se”? Então temos margem para o “não necessariamente”? Eu preciso de outra coisa que não seja a linguagem verbal para estar ali? Para um ser de linguagem, para um ser falante verbal, como fazer? A voz de Kuniicho Uno ressoava forte em meu ouvido:

Direi que a dança é uma maneira maravilhosa de romper com a linguagem ou com a dominância da linguagem, dos sentidos ou da narração. Como na mímica, os gestos podem se articular abruptamente e se traduzir de acordo com a estrutura e o código da linguagem, deixando, apesar de tudo, a presença do corpo jogar com a sensação de que não se reduzirá jamais à linguagem, a sua significação. Mas nós precisamos da dança, de qualquer coisa como a dança, porque precisamos nos desvencilhar, de tempos em tempos, da linguagem e estarmos mais próximos da presença do corpo. Mas isso nos colocaria imediatamente uma questão. O que quer dizer “se desvencilhar da linguagem” e “se aproximar da presença do corpo?” (UNO, 2012, p. 70).

## 5. Estar próxima a crianças autistas

Passaram-se oito meses entre o primeiro encontro com a coordenadora, em agosto de 2016, e o momento em que iniciei oficialmente o trabalho de registro em vídeo, de notas e de observações das interações entre as 17 pessoas que ali estavam de segunda a sexta, a saber, 12 (doze) crianças autistas atendidas e 05 (cinco) adultos não-autistas que trabalhavam diretamente com aquelas crianças como educadoras. Observar, tomar notas, instalar câmeras e registrar em vídeo seriam, sem dúvida, a metodologia científica de geração de dados mais facilmente descritível. Mas o que emerge e toma formas variadas entre essas quatro ações tentarei apreender e expor através deste exercício autoetnográfico.

Como no primeiro dia, chegava sempre à Pandorga com o peso dos equipamentos. Entrava no portão onde ficava uma grade que dava vista para toda rua. Todos se viam, passantes e pessoas que estavam lá, do lado de dentro. Sua entrada é um pátio de frente para rua, bonito, grande, cheio de redes coloridas, instaladas bem baixas com relação à altura do chão. Ao fundo, a casa; grande, bonita, apta a movimentos. Em um canto do pátio, logo na

entrada, havia uma casinha bem pequeninha, algo em torno de 1,5 m<sup>2</sup> composta de um único cômodo. Essa casinha tinha os enquadres de uma porta de entrada e de duas janelas, mas não tinha nem a porta nem as janelas instaladas. Isso não era uma construção inacabada, que um dia teria portas e janelas instaladas. Essa era a casa, inacabada em sua essência, por projeto. Eu gosto daquela casa. Ela me causou o mesmo efeito que me causara a obra de Anish Kapoor, “It is man” (1989), descrita como um seco bloco de arenito e pigmento, nas medidas de 241 cm × 127 cm × 114cm.

Essa casinha era meu lugar preferido, ainda que eu nunca tenha entrado nela, corporalmente pelo menos. Descobriria, depois de alguns dias em campo, olhando e olhando, que ali também parecia ser o lugar preferido de Augusto, umas das 12 crianças que frequentam a Pandorga. Augusto vai todo dia a essa casa. Aproxima-se dela de mansinho. Da primeira vez que o vi caminhando em sua direção, só soube que era em sua direção quando, efetivamente, entrou na casa. Que andar seria aquele? Que corpo era aquele que conseguia estar presente em cada avanço de passo sem indicar sua finalidade, seu destino? Quando chega, suavemente explora o chão, as paredes. Deita-se e faz lentos movimentos com os pés e mãos suspensos. Olha para seu corpo. Olha para o longe. Volta a olhar para seu corpo. Aqueles gestos se assemelhavam muito a processos íntimos e profundos que a investigação do corpo e do movimento em dança contemporânea levavam. Mas a comparação me vinha como uma armadilha. Ali, Augusto não está dançando, ele está existindo a seu modo. Ele não sai desse modo-dança para compartilhar outros padrões interacionais e conversacionais com as demais pessoas que estão co-presentes. Pensar no que considerar e descrever com relação ao que via ali exigia de minha parte muita reorganização subjetiva e reflexão. Não considerar as especificidades do autismo e os desafios diários enfrentados pelas crianças autistas, seus familiares e seus cuidadores seria uma lacuna grave. Considerar apenas as ausências, as falhas, “os não” e as atipicidades seria um preenchimento grave. Qualquer forma generalizante sobre o autismo encontraria fácil um caso desviante. Eu precisava entrar na ordem do que é singular.

## **6. A ideia de sociabilidade autista e a vontade de documentar presenças**

As tentativas de compreender e descrever as formas pelas quais os sujeitos com autismo interagem com o mundo social e, portanto, com toda uma ecologia de sistemas e significados socioculturais, mentais, cognitivos podem ser bem sucedidas se considerarmos que, nessas interações, estamos diante de situações nas quais todos os envolvidos (autistas e não-autistas) experenciam, no limite, um difícil de trabalho de coordenação de distintas e potenciais sociabilidades. Nesse trabalho de coordenação há uma grande margem de descoordenação, desencontros e criações. Têm sido Ochs e Solomon (2010) e Solomon (2008), a partir de uma abordagem interacional e antropológica, que têm proposto pensarmos e investigarmos o autismo em termos de possibilidades existentes de formas de coordenação social com os outros, incluindo, dentro de uma gama de várias sociabilidades possíveis, a sociabilidade autista. Essa, por sua vez, não se definiria como um axioma ou modelo, nem como uma distinção dicotômica entre “sociabilidade autista” *versus* “sociabilidade normal ou neurotípica”. Nos termos das autoras, “mais do que isso, [a dicotomia] joga luz sobre as áreas comuns de sociabilidade compartilhada por aqueles diagnosticados com autismo e pelas pessoas neurologicamente não afetadas. (OCHS; SOLOMON, 2010, p.70, Tradução nossa).

As observações, análises e evidências produzidas no quadro dos trabalhos de Ochs e Solomon (2010) resultam em um conjunto de condições (uma espécie de algoritmo) que indicam como a sociabilidade autista “floresce ou se inibe de acordo com as condições sociais

e interacionais." (OCHS; SOLOMON, 2010, p. 86). Um exemplo de como algumas condições podem ser mais ou menos favoráveis a uma participação sociointeracional da criança autista relaciona-se a quais modalidades, para além da modalidade verbal, podem favorecer uma comunicação com o outro:

a sociabilidade daqueles que são severamente impactados com o autismo, por exemplo, pode ser obscurecida por suas lacunas da linguagem verbal, mas quando lhes é permitido comunicar-se através de outras modalidades, tais como apontar para símbolos, sua sociabilidade emerge a partir daí. (OCHS e SOLOMON, 2010, p. 86, Tradução nossa).

A sociabilidade emerge a partir daí. Semelhante à sugestão de Godard em “Adeus à linguagem”, talvez o face-a-face possa mesmo inventar a linguagem. A sociabilidade que pode emergir não é apenas a dos autistas, mas também a dos não-autistas no encontro com autistas. Construir ou criar as zonas comuns do encontro de sociabilidades distintas exige um deslocamento de todos os envolvidos. Não deixo de pensar o quanto de projetos comunicativos temos para as crianças, em geral. Em campo, quanto mais tentava descrever e analisar as interações, mais eu tinha a impressão de não poder estar alisem ser convidada a fazer um deslocamento profundo do meu lugar de falante verbal competente. Isso era a única entrada para uma dimensão singular, essa que não desconsidera as possibilidades descritivas do se que pode dizer sobre o autismo e sobre interações no autismo a partir de um quadro teórico-metodológico específico, mas a ultrapassa com grande margem.

Na Pandorga, tentei estar em estado de presença, lá onde estavam aquelas pessoas diariamente. O que emergiu não parece ter sido um olhar de dançarina que vê crianças autistas interagindo e movimentando seus corpos, mas o que emergiu foi a pergunta: seria possível documentar presenças onde eu vejo que elas existem? No início, não sabia exatamente como fazer; mas intuía que não era possível prever o que poderiam vir a ser os momentos de presença sem me colocar, eu mesma, em estado de presença.

## **7. O olho e a câmera**

Uma investigação multimodal da interação pode sem dúvida abrigar a dimensão corporal, física e espacial de nossas interações humanas. Ela requer, antes de tudo, a possibilidade de termos registros em vídeo das interações acontecendo em momento real. A discussão sobre questões técnicas, práticas, éticas, metodológicas, analíticas, teóricas e epistemológicas envolvidas no trabalho prático com vídeo é um tema relativamente recente nos estudos interacionais. Knoblauch *et al.* (2006), ao sistematizarem algumas dessas questões, propõem que esse trabalho seja em si um tópico de reflexão teórico-analítica. Também Mondada (2008b, 2012), ao discutir as implicações da abordagem praxeológica das práticas de vídeo, mostra como o vídeo se torna um lugar de preservação de elementos e detalhes importantes da organização da interação ao mesmo tempo em que configura os fenômenos de análise. Para Mondada (2003, 2008b) as práticas de registro e de transcrição de dados gerados a partir de vídeo seguem um princípio de disponibilidade: se os detalhes multimodais são relevantes antes de tudo para os participantes (perspectiva êmica), então, para análise, é importante que tais detalhes sejam disponibilizados através das formas de realização dos registros (escolhas de dispositivos, ângulos, por exemplo) e através das formas pelas quais o material é transcrito, representado e apresentado.

Nos registros em vídeo, a partir de uma câmera instalada, eu posso ver (ver com a câmera, Mondada, 2016) momentos de interações entre as crianças ou entre uma ou mais

crianças autistas e os adultos não-autistas. Visualizar várias vezes o material e transcrevê-lo têm oferecido uma descrição de sequências interacionais específicas que nos ajudam a ter um repertório de possíveis formas de coordenação entre as sociabilidades. Nesses registros em vídeo, eu quase nunca estou presente. Tais registros de situações naturalísticas, ou seja, sem uma intervenção direta de minha parte, na verdade, me absolviam, enquanto pesquisadora que registra o momento da interação, de mostrar minhas habilidades, minhas desabilidades, minhas tentativas de coordenação com uma sociabilidade outra, meus descompassos e equívocos. A própria ideia de situação naturalística, por vezes, se define como aquela que aconteceria com ou a sem a presença do pesquisador e que não foi solicitada ou estruturada para fins de pesquisa, mas seriam antes de tudo atividades interativas que já acontecem nas rotinas das pessoas ou das instituições. O que a presença do pesquisador poderia querer dizer naquele caso específico de contato com crianças autistas? Aquela preocupação inicial que anunciei no início deste texto será agora reconvocada: como dar conta do meu corpo presente naquele espaço? A câmera e o olho produziram materiais muito diferentes e gostaria de propor daqui em diante uma chave de leitura para este texto: os equipamentos e meu corpo parecem ter sido confrontados um com outro e é desse confronto que falarei agora para explorar, metodologicamente, a vontade de documentar presenças.

De antemão, era fato que nem tudo estaria no ângulo das câmeras. E mais do que isso, o olho se sobrepõe à câmera em alguns casos. Estar de corpo presente me levava a assumir que meu olhar, nas horas que passo ali, é incorporado por todas as experiências sensíveis que me atravessam. Ver com o olho incorporado de subjetividades era uma condição para uma prática tão linguística quanto a do registro e da transcrição, por exemplo. Assim, documentar presenças não descarta os registros em vídeo, tampouco uma reflexão sobre o ato de transcrever os dados. Ao contrário, documentar presenças integra essas duas práticas, registrar e transcrever, na narrativa subjetiva do pesquisador sobre seu trabalho de investigação e criação.

## **8. Transcrever como processo de visualização e de criação incorporado**

A transcrição é nossa velha conhecida ferramenta documental e analítica em estudos linguísticos, em particular, e em ciências humanas, em geral. No campo dos estudos da análise da conversa de inspiração etnometodológica ela tem recebido uma atenção especial e o pioneiro trabalho de Ochs (1979) já destacava que a transcrição é uma prática analítica. Muitas podem ser as convenções de transcrição adotadas, para finalidades várias e com graus de refinamento que também variam tanto quanto podem variar as finalidades de análise e apresentação de um dado. A transcrição de gestos me interessa bastante. Em 2005, iniciei minhas primeiras investidas em transcrever multimodalmente trechos de fala-em-interação. A prática de transcrição é muito corporal: ouvimos ou vemos várias vezes o mesmo trecho; percebemos coisas que não havíamos percebido em escutas anteriores; se nos lançamos a retranscrever um trecho transcrito no passado, podemos ser surpreendidos por algo bem diferente e assim vai. Na premissa de que a transcrição é parte analítica importante daqueles interessados na forma como a fala-em-interação se organiza, não há atalhos a serem pegos para a análise. Dito dessa forma, o trabalho analítico é quase que da ordem de um processo criativo, em que o eureka emerge desse processo mínimo de entrar no detalhe de cada segundo do que se captura perceptivamente via áudio ou vídeo. No que diz respeito à transcrição multimodal, tenho tomado por base um princípio geral para a transcrição multimodal vigente no enquadre analítico dos estudos interacionais (GOODWIN 1986, 2010; ERICKSON, 2010; STREECK, 2010; MONDADA, 2008a, 2014, 2016; HEATH, 1986): o de

que os recursos multimodais (verbais e não-verbais) objetos de transcrição são aqueles relacionados à temporalidade da fala e da ação, cujo sentido apenas se dá em uma relação de sincronização e coordenação de diferentes ações do mesmo participante e em uma relação de coordenação com as ações dos demais co-participantes presentes.

Os registros realizados na Pandorga colocam um desafio muito grande para a transcrição da coordenação de aspectos gestuais, verbais e materiais. Algumas vezes, a transcrição oferece, após horas de um trabalho intenso de ir aos detalhes, uma espécie de lupa que permite transver o que o vídeo não deixou ver, o que o olhar presencial deixou escapar. Sabemos que uma transcrição multimodal por si só gera questões importantes em torno da legibilidade. Por vezes, um excerto transcrito multimodalmente parece indecifrável ou exige um tempo considerável para sua leitura, se adotamos uma convenção multimodal.

Eu gostaria nesta seção de trazer um pouco sobre o tópico sobre a transcrição a partir da minha experiência em transcrever vídeos. Tenho gostado de pensar as possibilidades criativas que a própria transcrição nos oferece. Quanto mais distantes de um formato legível e conhecido de texto, mais nos aproximamos de uma imagem. Assim, queria compartilhar dessa experiência de imagem a que nos levam tanto o trabalho de transcrever um vídeo, que permite ver temporalidades e espacialidades minimamente coordenadas, quanto o objeto final de um excerto transcrito, que pode ser muito diferente de um texto corrido. O convite então é experimentarmos ver um excerto transcrito abaixo, a uma primeira vista um pouco indecifrável, com movimentos guiados pela busca de sincronias, alinhamentos, coordenações, sobreposições e sequencialidades, como na dança. Seria, no limite, possível pensar em uma estética das transcrições. Com essa experiência, localizamos um bonito trabalho de coordenação que deixa ver, dentre muitos aspectos que eu poderia destacar, uma relação entre espaço físico, mundo material e língua que deixa ver as muitas formas de interagir com o outro apreendidas nas interações envolvendo crianças autista. Apresentarei a seguir um dado representado por um excerto transcrito e por um trabalho com imagens extraídas do registro audiovisual realizado por um câmera instalada na sala da Pandorga onde estão Mia e Eliana. Todo trabalho em representar a situação interativa através de transcrições e alinhamentos de imagens constitui tentativas de dar visibilidade ao material empírico para que ele esteja apto à exploração e análise, em uma primeira instância, e ao leitor, em segunda instância.

## **9. Mia e Eliana: sincronias visíveis**

Mia é uma menina autista que interage com poucos recursos linguísticos e com uma vitalidade corporal impressionantes. Ela mostra objetos, relaciona-os, parece criar cenários; movimenta-se pelo espaço, brinca com as demais crianças autistas. No excerto abaixo, gostaria de mostrar um momento em que Mia constrói uma relação de sentidos interessante, apreendida pela câmera e tornada visível por um trabalho de transcrição que procurou alinhar aspectos verbais e não verbais a uma temporalidade de coordenações de movimentos corporais voltados para o ambiente em que estavam e para os objetos presentes no ambiente. Eliana é uma das educadoras da Pandorga. Na jornada de quatro horas em que permanecem lá, há diferentes momentos: momentos sem atividade orientada e coletivos de convivência entre as crianças autistas e as educadoras; momentos de refeições conjuntas, em torno de duas grandes mesas; um momento breve de atividades semi-orientadas propostas a crianças em uma sala com 1 a 3 crianças.

Na situação transcrita, Mia estava sentada em cadeira fazendo um desenho com massa de modelar em uma folha de papel sobre a mesa e Eliana vai sentar-se de seu lado (Imagem 1). As duas estão envolvidas com suas próprias atividades. Eliana enrola pedaços de

algodão e junta-os em um canto da mesa para, posteriormente, montar um coelho em uma folha de papel. Mia continua a enrolar massinhas de modelar para colar no desenho (Imagens 2 e 3).



Imagem 1:

Imagem 2

Imagem 3

Figura 1: Sequência de 1,2,3, contendo posições corporais de Mia e Eliana anteriores à iniciativa de fala de Mia.

Em um cenário geral, temos que Mia e Eliana realizam, simultaneamente, uma ação de enrolar e formar bolas (imagens 1, 2, 3). Cada uma delas mantém o direcionamento de olhar e as posturas corporais para sua própria atividade. Não trocam olhares e não falam nada. A partir de um certo momento, Mia começa a olhar os movimentos da mão de Eliana que enrola bolas de algodão e as coloca em mesa (imagem 4). O interesse de Mia em olhar os movimentos da mão de Eliana permanece até o momento em que ela fixa seu olhar para o gesto de Eliana de enrolar algodão (imagem 5) e começa ela mesma a prestar atenção a seu próprio gesto de enrolar sua massinha de modelar, como podemos ver na sequência de imagens abaixo.



Imagem 4

Imagem 5

Imagem 6

Figura 2: Sequência de imagens 4,5,6, contendo posições corporais de Mia e Eliana anteriores à iniciativa de fala de Mia.

Essas sequências de imagens correspondem ao momento imediatamente anterior ao momento em que Mia iniciará uma conversa (excerto transcrito). Esses momentos iniciais são fundamentais para visualizarmos a forma pela qual Mia faz referência à sincronia de gestos de enrolar entre as duas. Eliana não se orienta visualmente para essa sincronia. Mas Mia dá materialidade verbal à sincronia, introduzindo uma repetição de três vezes a forma lexical [*bola*]. A leitura da transcrição pode não ser óbvia em um primeiro momento. Mas o que lhe

antecede é um trabalho do transcritor de encontrar relações de temporalidade entre o que fazem os presentes com gestos, língua e espaço. Para facilitar a leitura dessa transcrição, os gestos de Mia são indicados pelo símbolo (\*), os gestos de Eliana pelo símbolo ( $\Delta$ ) e as imagens alinhadas à transcrição são indicadas por (#) e o movimento de leitura é procurar espacialmente alinhamentos de símbolos.

**Excerto 1 :PAND\_cri\_17\_mar\_registro1d.eaf**

01 MIA #a \*\* bo:\*  $\Delta\Delta$ la/  
 02 ->\*\* olha p/ o desenho ---->  
 03 -----> \*  
 04 eli -----> $\Delta\Delta$ --olha p/ o desenho mia-->  
 05 im #imagem 7  
 06 #bo:\*\*\*ia/  
 07 --->\*\*olha p/ a massa de modelar--->  
 08 im #imagem 8  
 09 bó $\Delta\Delta$ iA#\  
 10 eli -- $\Delta\Delta$  olha p/ massa de modelar----->  
 11 im #imagem 9



Imagem 7

Imagem 8

Imagem 9

Figura 3: Sequência de imagens 7, 8, 9, contendo posições corporais de Mia e Eliana durante a fala de Mia.

Em cada uma das três vezes que Mia introduz o item lexical bola, notamos, seguindo as imagens (#7, #8, #9), como Mia orienta seu corpo para objetos distintos que serão referentes de sua construção linguístico-discursiva. Vejamos cada uma dessas três ocorrências da unidade lexical bola. Em [a bo:la, linha 01], Mia orienta-se para o desenho (#imagem 1). Em [a bóia, linha 06], Mia orienta-se para a bola de massa de modelar em sua mão (#imagem 2). Em [a bóia, linha 09], Mia orienta-se para a bola de algodão na mão de Eliana (#imagem 3). A forma como Mia estrutura multimodalmente seu turno de fala compõe uma unidade com coerência semântica-sintático-gestual (KENDON, 2004) a partir de uma espécie de economia funcional que integra aspectos linguísticos, ações corporais e espaço físico. Ao repetir uma série com três vezes o item lexical *bola*, coordenados sequencial e temporalmente aos direcionamentos de olhar e de corpo, respectivamente, para seu desenho sobre a mesa, para a bola de modelar em sua mão e para a bola de algodão na mão de Eliana, Mia introduz não apenas um referente [*bola*], mas uma atividade referencial mais complexa realizada multimodalmente. Mia parece referir-se à sincronia entre os gestos de enrolar as bolas (de

algodão e de massa de modelar) realizadas pelas duas e percebidas por Mia. Mia desenha com o corpo no espaço a sincronia que é objeto de sua fala.

## 10. Fora das câmeras: outras sincronias visíveis

Dados como o trazido acima são gerados a partir dos registros audiovisuais. Diante dos registros e do trabalho com o material audiovisual, me dou conta, que assumo vários lugares diferentes. Onde há linguagem verbal, turnos, estruturas linguísticas, lanço-me à transcrição e à análise. Assim, na imersão em campo, os dias passavam e eu registrava as interações, transcrevia, analisava aquelas que ofereciam algum elemento linguístico palpável. Mas eu reservava interações mais silenciosas e atípicas a uma zona que parecia refratária à descrição linguística e aos enquadres interacionais. Ali ficavam, em estado latência, em forma de vídeos registrados, de relatos, de lembranças. Essa zona refratária na qual eu armazenava o material começava a me chamar. Não a linguista, mas a artista. Essa é uma emergência que redefine em várias dimensões minhas possibilidades analíticas. Augusto me ajudaria a ver. A casinha sem janelas e portas era uma metáfora de como não tratar o que não vejo (ou ouço), como as portas e janelas, como faltantes ou ausentes. A partir dos padrões descritivos interacionais mais conhecidos para mim, Augusto seria descrito por ausências: não falava; não olhava; não acenava; não solicitava nada; não seria transcritível.

Mas fora das possibilidades de captura das câmeras, das convenções de transcrição e diante da ausência da linguagem verbal, há um universo de coisas e eventos que acontecem e que afetam as formas de olhar, de analisar e de tratar o chamado objeto de pesquisa. A casa não carecia de portas e janelas instaladas, ela operava com outra arquitetura. Na Pandorga, durante os registros, eu procurava estar presente, em silêncio e fora do ângulo da câmera. Mas qual não foi minha surpresa quando vi que eu não era a única naquelas condições, ou seja, não era a única que procurava estar presente, em silêncio e fora do ângulo da câmera. Tais condições: estar presente, em silêncio e em movimento constante pelo espaço não cabia em minha metodologia pensada para duas câmeras fixas, para transcrição e para análise com base na linguagem verbal. Augusto já havia me alertado sobre isso com aquele seu andar até a casinha: nem sempre é possível prever o próximo passo se a chave da sequencialidade das ações estiver acionado em padrões interacionais-comportamentais mais conhecidos.

As relações possíveis entre língua, espaço e corpo como as estabelecidas acima na análise talvez tenham me saltado aos olhos pela relação que as crianças ali estabelecem com o espaço e com o corpo e menos com a língua. São relações de exploração sensorial e de movimentos que criam relações outras com o sentido e com as formas. Enrique, por exemplo, um menino autista e cego, sente com a palma da mão a ponta da grama. A sensação da ponta da grama na palma da mão parece depender de um investigar minucioso que calibra o peso da mão, o gesto de deslizar a palma sobre a superfície, sua velocidade, qualidade e forma. Enrique não apenas explora sensorialmente o espaço, ele o faz no ponto certo.

A forma como aquelas crianças relacionam-se com o espaço e a forma como os adultos relacionam-se com o espaço me oferece a chance de ver uma multiplicidade de formas como nós, de forma geral, podemos nos relacionar com o espaço. As categorias adulto e criança talvez sejam mais pertinentes do que autista e não-autista quando o assunto são as formas de se relacionar com o espaço. Talvez. Mas estar em meio a um espaço em que as relações do humano com a linguagem verbal precisam ser reinventadas por todos presentes não poderia me deixar ilesa quanto a um pensamento linguístico que quer sempre se impor. Mas e o material empírico que não continha nenhuma língua audível, nenhuma unidade linguística discreta?

Esse material deixado em um canto por um tempo começou a convocar a pesquisadora/ dançarina. De ver e rever, transformar e resignificar, iniciei um processo de criação chamado *Corpos cotidianos: matéria, movimento e ornamento*, uma performance apresentada durante a VI React (Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia), que acontecera na Universidade de São Paulo, em maio de 2017 (CRUZ, 2017b). A performance fazia parte de um convite para um seminário que se propunha a pensar praxiografias do corpo. Me perguntei durante um tempo se as arestas ajustadas do que eu não daria conta em um quadro teórico e em uma abordagem linguística resultariam em um material para a criação artística. Se sim, paradoxalmente, tudo indicava que uma cisão estrutural insistia em permanecer em minha prática investigativa e que uma certa ideia de linguagem me capturava mais do que eu podia imaginar.

## Um gesto

Um dia, em junho de 2017, finalizada minha jornada de registros e observações, me despedi de todos. Não me lembro exatamente como me despedi, mas normalmente, para uns aceno, para outros olho, para outros pronuncio “até a próxima”, para outros me aproximo e me afasto sem dizer nada. Das crianças que estão mais reservadas e que, normalmente, não se dirigem visivelmente ao outro, costumo aproximar-me, ainda que mantendo uma distância, sem o face-a-face, e a acenar. Ou simplesmente aproximo e me afasto. Este último é o caso com Augusto. Para me despedir, me aproximo um pouco de seu campo espacial e me afasto.

Naquele dia de junho, Augusto estava no pátio, perto da grade que dá vista para a rua. Me despeço e entro no carro de uma colega que me esperava. Ela me daria uma carona e levaria os equipamentos ao laboratório da universidade. Augusto estava lá, em seu mundo, como ouvimos muito dizer sobre os autistas. O que será que significa “o mundo deles”? Aquela não seria “nossa” pergunta? A coordenadora e mais algumas das educadoras também estavam ali no pátio junto com outras crianças e Augusto. Aceno do carro para todos que estão no pátio. Minha colega acena e insiste em se manter acenando. Augusto acena. Para surpresa de alguns, expressa nos rostos e por meio de interjeições, Augusto acenou. A câmera não viu. Muitos ali, talvez todos, nunca tenham visto. Eu nunca tinha visto.

O adeus de Augusto me acompanha até agora no momento em que escrevo este artigo. Ele é de uma experiência sensível. Ainda que o *como* documentar presenças não possa ser respondido facilmente, semanas depois tomei para mim que o adeus de Augusto me dizia que é possível sim documentar presenças. E que se eu teria algo de singular a fazer é produzir histórias ou versões de minha presença próxima com autistas. É nesse estado de presença que talvez a pesquisa possa me encontrar e que os terrenos móveis da experimentação, como falamos acima, possa nos oferecer a possibilidade de trazer para o centro da reflexão o pesquisador incorporado.

## **The goodbye of Augustus The interactions between autistic children and the emergence of a researcher-artist in a state of near presence**

**ABSTRACT:** In this article, I intend to bring the investigative, practical and subjective movements constitutive of an auto-ethnographic work (DENSHERE, 2011; ELLIS; BOCHNER, 2003) of a verbal dancer-linguist who proposes to document presences in varied everyday interactive situations. I will emphasize the work of researching autism from observation, immersion and registration with an autistic child institution. The proposition of

documenting presences emerges from the fieldwork itself and mobilizes issues that I consider important for my investigative practice that is generally inscribed in attempts to understand the body, language, and material world in human interactions (STREECK; GOODWIN; LEBARON, 2011; MONDADA, 2016).

Keywords: autism; autoethnography; body; social interaction; multimodality

## Referências

BOCHNER, A. P.; ELLIS, C. An introduction to the arts and narrative research: art as inquiry. *Qualitative Inquiry*, London, v. 9, n. 4, p. 506-514. 2003.

CRUZ, F. M. Corpos cotidianos: matéria, movimento e ornamento. *Anais... VI React – REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA*, 2017, São Paulo: Universidade de São Paulo, 2017b.

\_\_\_\_\_. Elementos para uma análise multimodal da interação: um exemplo de correlação linguístico- gestual no autismo. In: GONÇALVES-SEGUNDO, P. R.; MODOLO, A. D. R.; SOUSA, D. R. DE; FERREIRA, F. M.; COAN, G. I.; BRITTO-COSTA, L. F. (Org.). *Texto, discurso e multimodalidade: perspectivas atuais*. São Paulo: Paulistana, 2017a.

DENSHIRE, S. 'Le moment de la lune'. An auto-ethnographic tale of practice about menarche in a children's hospital. *Australian Occupational Therapy Journal*, Australia, v. 58, n. 4, p. 270-275, 2011.

DESPRET, V. *Ces émotions qui nous fabriquent: ethnopsychologie des émotions*. Paris: Les Empêcheurs de Penser en Ronde, 2001.

GOODWIN, C. Action and embodiment within situated human interaction. *Journal of Pragmatics*, London, v. 32, n. 10, p. 1489-1522, 2010.

\_\_\_\_\_. Gestures as a resource for the organization of mutual orientation. *Semiotica*, Amsterdam, v. 62, n. 1, p. 29-49, 1986.

HEATH, C. *Body movement and speech in medical interaction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

KENDON, A. *Gesture: visible actions as utterance*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

KNOBLAUCH, H.; SCHNETTLER, B.; RAAB, J.; SOEFFNER, H. (orgs.). *Videoanalysis methodology and methods: qualitative audiovisual data analysis in sociology*. Berlin: Peter Lang, 2006.

KORKIAKANGAS, T; RAE, J. The interactional use of eye-gaze in children with autism spectrum disorders. *Interaction Studies*, London, v. 15, n. 2, p. 233-259, 2014.

MONDADA, L. Observer les activités de la classe dans leur diversité: choix méthodologiques et enjeux théoriques. In: PERERA, J.; NUSSBAUM, L.; MILIAN, M. (Orgs). *L'educacio lingüística en situacions multiculturals i multilingües*. Barcelona: Institut de Ciència e de laeducación de la Universitat de Barcelona, 2003.

\_\_\_\_\_. Documenter l'articulation des ressources multimodales dans le temps: la transcription d'enregistrements vidéos d'interactions. In: BILGER, M. (Org.) *Données orales: les enjeux de la transcription*. Perpignan: Presses Universitaires de Perpignan, 2008a.

\_\_\_\_\_. L'analyse de "collections" de phénomènes multimodaux en linguistique interactionnelle: à propos de l'organisation systématique des ressources gestuelles en début de tour. *Cahiers de praxématique*, Montpellier, v. 50, p. 21-66, 2008b.

\_\_\_\_\_. Organisation multimodale de la parole-en-interaction: pratiques incarnées d'introduction des référents. *Langue française*, v. 175, n. 3, p. 129-147, 2012.

\_\_\_\_\_. Interactional space and the study of embodied talk-in-interaction. In: AUER, P.; HILPERT, M.; STUKENBROCK, A.; SZMRECSANYI, B. (Orgs.) *Space in language and linguistics: geographical, interactional and cognitive perspectives*. Berlin: De Gruyter Edições, p. 247-275, 2013.

\_\_\_\_\_. Conventions for multimodal transcription, versão 3.0.1.2014. Disponível em: <[https://franz.unibas.ch/fileadmin/franz/user\\_upload/redaktion/Mondada\\_conv\\_multimodalit y.pdf](https://franz.unibas.ch/fileadmin/franz/user_upload/redaktion/Mondada_conv_multimodalit y.pdf)> Acesso em: 02 ago. 2017.

\_\_\_\_\_. Challenges of multimodality: language and the body in social interaction, *Journal of Sociolinguistics*, v. 20, n. 30, p. 336-366, 2016.

NEVILLE, M. The embodied turn in research on language and social interaction. *Research on Language and Social Interaction*, London, v. 48, n. 2, p. 121-151, 2015.

OCHS, E. Transcription as theory. In: OCHS, E; SCHIEFFELIN, B. (Orgs). *Developmental pragmatics*. New York: Academic Press, 1979.

\_\_\_\_\_.; SOLOMON, O. Autistic Sociality. *ETHOS Journal of the Society for Psychological Anthropology*, v. 38, n. 1, p. 69-92, 2010.

PELBART, P. P. Linhas Erráticas. *O avesso do niilismo. Cartografias do esgotamento*. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

SACKS, H. *Lectures on Conversation*. Cambridge: Blackwell, 1992.

SOLOMON, O. Autism, language and childhood: an ethnographic perspective. *Annual Review for Applied Linguistics*, Special Issue Language and the Brain, v. 28, p. 150-169, 2008.

STERPONI, L.; KIRBY, K.; SHANKEY, J. Rethinking language in autism. *Autism*, v. 19, n. 5, p. 517-526, 2015.

STREECK, J.; GOODWIN, C.; LeBARON, C. (Eds). *Embodied interaction: language and body in the material world*. New York: Cambridge University Press, 2011.

TOLEDO, S. A. (Ed.). *Fernand Deligny: Oeuvres*. Paris: Edições L'Arachnéen, 2007.

UNO, K. *A gênese de um corpo desconhecido*. São Paulo: N-1 Edições, 2012.

## ANEXO

### Convenção de transcrição multimodal baseada em Mondada (2014)

<b>Aspectos linguístico-verbais</b>	
Xxx	Segmento ininteligível
.	(micro pausas, inferiores a 0,3 segundos, não medidas)
(0.4)	pausas medidas com ajuda do software ELAN versão 5.0
:	alongamento silábico
.h	marca a inspiração do locutor
/	entonação ascendente
\	entonação descendente
//	entonação de pergunta (ascendente)
<u>Sublinhado</u>	ênfase particular (intensidade, acento)
maÍUSCULA	volume forte de voz
o o	volume baixo, murmúrio de voz
<b>Trajectoria dos gestos</b>	
+----+	Delimitação do início e o fim da ação/gesto
+ , *	A fala transcrita comporta os símbolos gráficos indicadores de gestos (+, *, por exemplo) posicionados no momento em que são realizados com relação à fala.
(1.0) +* (0.2)	Se um gesto começa no meio de uma pausa, segmenta-se a pausa. Em muitos casos, a duração das ausências de fala pode ser segmentada na sua representação (exemplo 1.2 segundos= 1,0 + 0,2) a depender do momento de início ou fim do gesto e de sua duração realizados durante a ausência de fala.
---->121	Continuação do gesto até a linha 21 (exemplo) do excerto
----->+	Se um gesto continua nas linhas seguintes, sua descrição é seguida de uma flecha que remete ao símbolo que delimita o seu fim.
----->>	Continuação do gesto até o fim do excerto
>>	O gesto descrito começa antes do início do excerto.
<b>Trajectoria temporal dos gestos</b>	
.....	emergência do gesto (preparação)
-----	fim do gesto (retração)
''''''''	manutenção do gesto (núcleo/ápice)

**Informações gerais:**

Na transcrição dos excertos, as iniciais em maiúsculo indicam a fala e as iniciais em minúsculo indicam gestos.

Os aspectos gestuais-corporificados transcritos correspondem à descrição e marcação de direcionamentos do olhar, gestos com a mão, postura corporal, movimentos de cabeça, indexados temporalmente à fala ou às ausências de fala cronometradas.

Os gestos dos participantes são marcados com símbolos (\*, @, \$) escolhidos aleatoriamente. Para diferenciar os tipos de gestos transcritos, marcamos duplo símbolo os gestos relativos a direcionamentos de olhar (\*\*, @@) e símbolo único os gestos da mão e torso (\* e @). As falas são representadas em **negrito** e os gestos em *itálico*.

Imagens (im) de capturas de tela do vídeo foram inseridas na transcrição, alinhadas à fala ou à marcação temporal das ausências de fala (excertos 1 e 2). Nesse caso, inserimos as iniciais *im* à margem da transcrição na linha relativa às imagens reproduzidas no texto. No texto da transcrição, as inserções de imagens são marcadas por #im (#im 1, #im 2...), o que permite localizar o momento exato do vídeo, representado pela imagem, sincronizado com a fala.

Data de envio: 31/08/2017

Data de aceite: 18/02/2018

Data da publicação: 15/08/2018